

PSTU tem programa para transformar o país

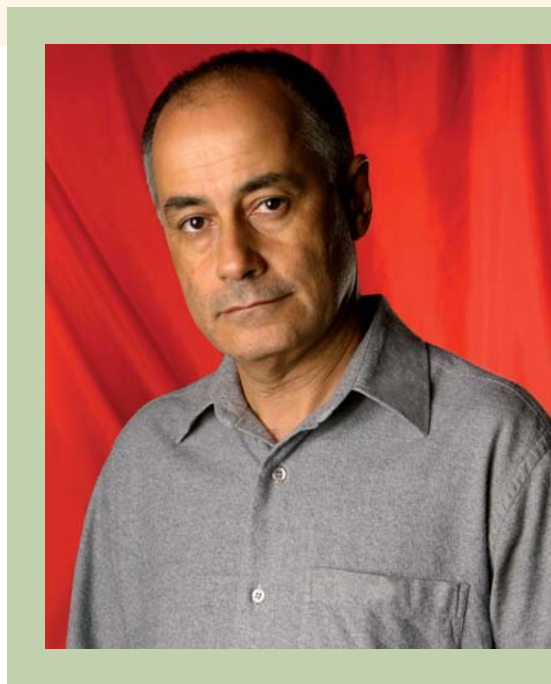
Por Camila Beraldo Maia,
Guilherme Zocchio
e Paula de Paula

Candidato do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) à presidência do país, Zé Maria fala ao **Contraponto** a respeito de sua campanha, idéias políticas e o potencial de transformação do Brasil

Contraponto – Como sua candidatura tem um projeto de esquerda, você e seu partido acreditam que no Brasil pode-se construir o socialismo através de uma eleição, numa democracia representativa?

Zé Maria – Nós não acreditamos nisso. A transformação da estrutura do país, no caminho para uma sociedade igualitária, socialista, pressupõe uma mobilização de forças que não é possível através de um processo eleitoral. Ela depende de uma mobilização de massas, na verdade de uma revolução socialista. Nós acreditamos que a construção das condições pra essa revolução pressupõe a atuação política do partido no dia-a-dia da vida dos trabalhadores. Sequer nós estamos diante de um sistema eleitoral que é democrático. Em primeiro lugar pela consciência pelo poder econômico. O que vai gastar uma candidatura do Serra, da Dilma, da própria Marina, vai passar das centenas de milhões de reais. Eles vão recolher esse dinheiro nos bancos, nas empreiteiras, nas grandes empresas, e depois no governo vão governar pras grandes empreiteiras e grandes empresas. É assim que funciona o sistema eleitoral brasileiro. E há outro aspecto da desigualdade do processo eleitoral que é justamente a mídia. O tempo eleitoral, assim assegurado pela legislação entre os candidatos vai ser dividido de que forma? 10min pra Dilma, 10min para o Serra, 30s pra cada um dos outros. Então não há nenhuma condição de igualdade numa disputa.

São três candidaturas que não ameaçam, não se confrontam, não contrariam os interesses daqueles que controlam esse país, as grandes empresas. Por isso têm visibilidade na mídia. E as demais candidaturas são retratadas como folclóricas, como caricaturas, como uma forma de desqualificar as outras alternativas.



Divulgação

CP – Quais são as alternativas para lutar contra isso?
ZM – Olha, o grosso da nossa campanha vai ser feito apoiada naquilo que é a base que o partido tem, ou seja, a atuação nos sindicatos, nos movimentos populares, das organizações da juventude. Então nós vamos nos apoiar nos milhares de militantes que o PSTU tem, e em milhares de trabalhadores e jovens que atuam conosco no movimento social brasileiro, e que concordam com as nossas idéias.

Nós vamos utilizar também os instrumentos que estiverem à disposição na internet, mas o principal foco nosso, o principal meio pela qual vamos buscar difundir as nossas propostas e a nossa candidatura é somente a nossa inserção social, a nossa militância, os amigos do partido.

CP – E qual é o ponto chave, que difere a sua candidatura com a do PCB e com a candidatura do PSOL?

ZM – Olha, nós apresentamos a proposta de construirmos uma frente com o PCB e o PSOL, justamente por essa adversidade que é o ambiente de uma campanha eleitoral como essa. Por que a frente não saiu? Não saiu, porque o PCB decidiu ter uma candidatura própria. É uma necessidade política do PCB neste momento, é um partido que tem uma presença menor nos movimentos sociais, precisa se apresentar politicamente, achamos justo que o partido tome uma decisão como essa. E com o PSOL não obtivemos acordo nem no programa e nem no critério de financiamento da campanha, que são duas questões que pra nós são chave. Então achamos que o sentido da esquerda socialista nas eleições é apresentar um programa socialista. Nadarmos contra a corrente e apresentar uma proposta de mudanças que são radicais pra sociedade, mas são essenciais pra que se possa mudar a vida das pessoas.

“ Eu preciso convencer essas pessoas de que é possível mudar o país, e que depende da luta deles mudar o país ”

CP – Esse movimento da esquerda é uma questão de lutar até contra o poder, certo? Fazer com que exista essa transformação de base para que não exista mais esse poder soberano.

ZM – Não há mudança na sociedade que vá ao encontro dos interesses dos trabalhadores, se não se toma o banco do banqueiro, se não se toma as terras do latifundiário do agronegócio, se não se toma as grandes empresas dos seus proprietários. Isso não vai ser feito por bons argumentos. O povo tem que ir para a rua, tem que se mobilizar, tem que enfrentar. Isso implica em um trabalho que é de convencimento dos trabalhadores, para permitir que essas condições se dêem. Não adianta eu brigar com meu companheiro aqui do lado, que também é socialista, não adianta eu catar um revólver e sair dando tiro em burguês. Eu preciso convencer essas pessoas de que é possível mudar o país, e que depende da luta deles mudar o país.

CP – Você acredita que pode formar alguma frente agora com outros candidatos?

ZM – Esse ano aqui não. No futuro pode ser. Como eu disse, o terreno eleitoral não é um terreno prioritário de atuação do nosso partido. O terreno prioritário de atuação do partido é o movimento de massas é a luta dos trabalhadores, os sindicatos, suas organizações porque é por aí que nós podemos acumular mais na construção dessa massa crítica, para que haja força para mudar o país.

guizocchio@gmail.com

pauladepaula2@gmail.com

Bangue-bangue

O debate de programa e idéias, nessas eleições, até agora pouco vingou. À medida que o dia das votações vai se aproximando, e enquanto o horário gratuito eleitoral não começa, os candidatos líderes de pesquisa, Dilma Rousseff (PT) e José Serra (PSDB), mais aproveitam para trocar farpas e acusações do que para a discussão das propostas e projetos de ambas as candidaturas.

Índio da Costa (DEM), vice na chapa de Serra, pouco após ser anunciado partiu em ofensiva aos petistas, acusando-os de ligação com as Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (Farc). Para não deixar barato, a militância do PT rebateu na mesma moeda. Na segunda-feira 02 de agosto, a partir do blog “Os Amigos do Presidente Lula”, simpatizantes de Dilma emplacaram nos tópicos mais falados do Twitter a tag #diplomadoserra para que o tucano fosse a público mostrar seu diploma de graduação em Economia.

As declarações de Da Costa foram encaminhas ao TSE pelos petistas, que exigem direito de resposta. Já #diplomadoserra começou após polêmica a respeito de Serra, na verdade, não ter diploma em economia reconhecido no Brasil. São exemplos de que a preocupação central dos dois candidatos líderes de pesquisa está em destruir um a imagem do outro.

Por outro lado, Marina Silva (PV), em suas declarações, procurou fugir a essa tendência. Plínio Arruda Sampaio (PSOL) frisou que quer debater idéias. José Maria Eymael (PSDC), Ivan Pinheiro (PCB), Zé Maria (PSTU), Rui Costa Pimenta (PCO) e Levy Fidélis (PRTB), nas poucas declarações que deram partiram em momento algum às acusações pessoais. Mas o espaço na imprensa fica para o bangue-bangue entre petistas e tucanos.